

# O SUICÍDIO DE ELEANOR MARX: FUGA OU RESISTÊNCIA EXTREMA À OPRESSÃO?

NETO FERREIRA, José de Lima<sup>1</sup>  
PEREIRA, Valmir<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho postula analisar a obra de Maria José Silveira, intitulada *Eleanor Marx, filha de Karl*, apontando aspectos históricos e dos bastidores da vida daquela escritora. O suicídio de Eleanor Marx se constitui na morte precoce daquela conferencista, depois da traição amorosa, de seu companheiro, Edward Aveling. O relacionamento clandestino entre seu marido e uma jovem de vinte e dois anos, constituiu-se como algo insuperável para Eleanor. Portanto, aparentemente, a saída que ela encontrou para suas penúrias foi o suicídio, calmamente planejado e executado. O ato extremo de Eleanor, acima de tudo, nos leva a refletir e a indagar sobre dois pontos: 1. As relações de poder e suas significações na sociedade, e 2. Como a mulher pode participar nesse processo de forma ativa e afirmativa. Sabe-se que Eleanor foi uma pessoa real e não utópica, de forma que sua história perpassa o limite do romance à práxis, pondo o questionamento a respeito da morte suicida como fuga ou resistência extrema à opressão que ela vivenciou. Suas lutas e sua contribuição para o socialismo mostram que ela viveu, era saudável e deixou um legado memorável a ser pesquisado. Podemos dizer, portanto, que se trata de um exemplo real do empoderamento feminino, vinculado à essência do movimento feminista. Nesse sentido, por essas e outras contribuições, Eleanor merece nossa atenção como pensadora a ser lembrada, estudada e pesquisada. Sua matéria foi cremada e suas cinzas ainda hoje pairam pelos ares de Londres ao lado do “corpo” frio de Karl Marx.

**Palavras-chave:** Eleanor Marx. Suicídio. Relações de poder.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o fatídico, misterioso e emblemático suicídio de Eleanor Marx, filha mais jovem do filósofo alemão Karl Marx (1818-1883). A pretensão da investigação se pauta em uma análise histórica da obra *Eleanor Marx, filha de Karl*, da romancista goiana Maria José Silveira. O afimco das observações do trabalho se dará sobre os contextos da época e principalmente sobre a problemática: o suicídio de Eleanor Marx - fuga ou resistência extrema à opressão?

Serão estudadas as relações de poder que emergiam dos relacionamentos de Eleanor, sua carreira enquanto militante, tradutora, boêmia, polemista, feminista, socialista, ativista e a

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: netoferreira432@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Dr. da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: provalmir@gmail.com

filha predileta de Mouro. Vale destacar que na referida pesquisa utilizaremos alguns apelidos referendados historicamente para a família Marx, sendo Eleanor chamada carinhosamente de *Tussy*, Marx, de *Mouro*, Engels, de *General*, *Mohame* para Jenny, esposa de Mouro, *Jennychen* para a irmã de *Tussy*.

O suicídio de Eleanor Marx (1855-1898) trata da morte precoce dessa grande conferencista, após ser traída pelo seu companheiro Edward Aveling (1849-1898), que a deixou por uma jovem de seus 22 anos. Vivia em um relacionamento clandestino, uma bigamia se assim pode ser colocado, expresso na passagem a seguir:

Na manhã daquele dia 8 de junho de 1897, em Londres com o pseudônimo de Alec Nelson (que adotava como dramaturgo), falsificando a idade para três anos menos e dando um endereço inexistente, ele se casa às escondidas com Eva Frye, jovem de vinte e dois anos, aspirante à atriz. (SILVEIRA, 2002, p. 22).

Eleanor já vinha de outro desengano amoroso, com um noivado conturbado com o jovem *Lissagaray* (1838-1901), que pode ser compreendido num contexto sinalizando que “tão temerário e absurdo fato em nada alterou a rotina de Edward com Eleanor” (SILVEIRA, 2002, p. 22). No entanto, tudo passa e esse noivado e paixão crônica passou. Contudo, seria Edward o furacão que viria a lhe destruir de verdade. O pretense marido de Eleanor era cruel e frio ao extremo, afirmando a própria Eleanor: “Tenho quase certeza que Edward vai me abandonar. Sinto isso e seria uma completa idiota se não sentisse. A maneira como ele me trata, com tal indiferença, tal gelo, tal crueldade!” (SILVEIRA, 2002, p. 143).

A filha “d’O Capital”, como é tratada Eleanor por muitos, é tida como mártir, e foi contemplada pela luz dos ensinamentos de Mouro e Mohame. Quando inquirida por um sobrinho, se seu pai ralhava com as crianças, conforme Silveira (2002), Tussy assevera que isso não acontecia. Entendia ele, que os infantis deveriam educar os pais e mergulhava com entusiasmo em nossas fantasias. Estimulava-nos, de noite, à orça de nosso tálamo, era um amplo auditor de fábulas que lia ou idealizava. Como bem percebemos, Eleanor era encantada pelo seu pai, e com razão diante dos ditos, já que pelos fatos narrados, ele era um exemplo de genitor “[...] Ele nos ensinava a ver e refletir, a discutir o que víamos.” (SILVEIRA, 2002, p. 17). Eleanor é mais do que especial para seu pai Mouro, pois ela surge em um período propício, todavia, cheio de dificuldades, com a publicação “d’O Capital”, e a reação silenciosa da obra, que levou Karl a definhar. Nesse sentido,

Seu avô sempre sofreu muito com os furúnculos, mas era outra coisa que o deixava irascível e impaciente naquele dia: era o pesado silêncio com o qual foi recebida a sua obra de tantos anos de sacrifício, sua *magnum opus*, publicada pela primeira vez na Alemanha poucos meses antes. (SILVEIRA, 2002, p. 23).

Karl Marx costumava brincar dizendo “acho que ninguém nunca escreveu sobre dinheiro, tendo tão pouco assim [...] *O Capital* não pagará nem os charutos que fumei ao escrevê-lo.” (SILVEIRA, 2002, p. 25). Tussy adorava narrar as histórias<sup>3</sup> de seu pai para seus adorados sobrinhos, os filhos de *Jennychen*.

*Tussy*, filha de Mouro, foi uma liderança política de sua época, respeitada, admirada e querida como mulher e permanece sendo, pelo legado deixado. A jovem cresce em uma família muito unida, calorosa e afetiva. Aos 43 anos, em íntegra pujança filosófica, Eleanor se suicida por um “pseudo-amor”. A história deu suas interpretações ao fato, mas esta obra de Maria José Silveira reconstrói a fragmentada dimensão da tragédia desta frágil e condolente filha de um novo mundo e do humano que a criou.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Um casamento verdadeiro ou o começo de um pesadelo?

Nessa seção, destacaremos como Eleanor conhece Edward e como a trama amorosa se constituiu entre eles. Também tentaremos responder se essa aproximação torna tal casamento verdadeiro ou abre espaço para um futuro adverso para ela. Sustentado em Silveira (2002), naquela noite de espetáculo teatral, *Tussy* e Edward se conheceram, quando Eleanor ascendeu ao anfiteatro e recitou o solilóquio de Ofélia, a plateia se pôs de pé para laurear. O imaturo doutor Edward Aveling ergueu-se para complementá-la, e gabou, de modo emocionado, seu timbre barítono, encantado permanecia Aveling.

Esse foi o primeiro contato de *Tussy* com Edward, o qual seria avassalador e acabaria destruindo o sossego e a comodidade de Eleanor. Sua amiga Olive ressalta em tom de

---

<sup>3</sup> Encontrava o pai sentado a mesa de trabalho, onde passava o dia e entrava pela madrugada, cheio de manuscritos, livros, jornais. Ao lado de brinquedos, retalhos e fitas da cesta de costura de Jenny, xícaras de café, canivete, abajur, tinteiro, copos, cachimbos, cinzeiro [...] Acomodados nos sofás da ampla sala, *Tussy* conta aos jovens como a família adorava as comemorações de Natal quando as filhas eram crianças. Tendo ou não dinheiro, *Engels* lhes enviava champanhe e vinho tinto e eles comemoravam, de alguma maneira. Como aconteceu em 1867, um ano muito especial, ano que foi publicado o primeiro volume d’*O Capital*. (SILVEIRA, 2002, p. 21-23).

conselho: quero lhe dizer amada *Tussy* que tenho desprezo por seu fã, mas não seria o suficiente. Ele é um crápula, uma figura abominável (SILVEIRA, 2002). Eleanor ignora os ditames da amiga e interpreta a figura de Edward como sendo admirável e sensata, “Pelo menos, foi assim que ela se sentiu naquela primeira vez, e se sentirá sempre que ele quisesse fazê-la se sentir assim.” (SILVEIRA, 2002, p. 85). Como bem vemos, Eleanor está apaixonada.

Muito esperto, Edward logo faz a cabeça de Eleanor. Com seus joguetes de linguagem, Aveling emana mentiras reluzentes que fazem a bela *Tussy* verter extasia no seu olhar. Ela fica deslumbrada e acredita que encontrou o homem de sua vida. No entanto, a sociedade, *Olive* e outros colegas alertam que Edward era um famigerado conquistador barato, pois

Disse que era Irlandês, mas não era. Fez-se passar por solteiro, mas já era casado – e por dinheiro, comentaram depois. Comentaram também que ele era notoriamente falso e pouco confiável. Ambicioso, interesseiro, auto-indulgente, exibicionista. Aproveitador; vivia tomando dinheiro emprestado e se esquecendo de pagar. Além de mulherengo compulsivo. ‘Inquestionavelmente um cachorro’. (SILVEIRA, 2002, p. 85).

Eleanor, como já colocado, deixa-se levar pelas mentiras e se oprime diante das ponderações e conselhos de seu círculo de amigos. O charme de Aveling inebriava a jovem *Tussy*, fascinando-a.

Marx, a essa altura, já não detinha suas faculdades plenas no que se refere à saúde, e sequer ficou ciente da aproximação de sua filha com Aveling, vindo a falecer pouco tempo depois. *Tussy*, após a morte do pai, é tomada pela fragilidade e Aveling parece aproveitar-se da situação para consolá-la e se tornar mais íntimo. Logo, os dois passam a morar juntos e constroem um ‘pseudocasamento’<sup>4</sup>. Enquanto isso, “da família, restavam agora ela e Laura, a irmã complicada, com quem *Tussy* nunca se dera muito bem e da qual só aos poucos ia se aproximando” (SILVEIRA, 2002, p. 86). Essas transformações podem ser percebidas devido aos fatos de que:

Eleanor e Edward são pobres e levam uma vida dura. Ela faz pesquisas no Museu Britânico e escreve artigos assinados por quem os encomenda. Dá aulas particulares. Dá cursos e palestras sobre Shakespeare e arte dramática. [...] Mas também ele tem intensa atividade política. Ajuda Sam Moore na tradução de *O capital* para o inglês, enquanto *Tussy* pesquisa as citações originais e suas fontes. Os dois publicam juntos panfletos de divulgação, ‘O inferno da fábrica’ (1885), ‘A questão da mulher’ (1886), ‘O movimento da classe operária na América’ (1888). (SILVEIRA, 2002, p. 89).

---

<sup>4</sup> Falso Casamento.

Uma *pseudo*<sup>5</sup> relação é engendrada pelo casal neste referido momento. As núpcias fortalecem e dão alento para a produção artístico-filosófica de ambos, o que é apropriado para o contexto da época, possibilitando o seguimento ao que Marx deixou, sendo estudado, pesquisado, traduzido e adaptado ao contexto que a sociedade estava alocada. Parafraseando Silveira (2002), embora os problemas com Aveling perturbassem, esses anos deram alento no que se refere ao subsídio de Eleanor com o movimento revolucionário universal. Por suas relações e proficiência em várias línguas, ela foi um elemento chave nesse período.

Tudo seguia às mil maravilhas, aparentemente era um casamento ideal, o que faria Eleanor contestar o que seu círculo de amigos previa. Nesta época, o casal funda a *Liga Socialista*<sup>6</sup>, que contribui muito com a imprensa de esquerda. Assim, “naqueles anos, Eleanor sente-se muito bem. Parece encarnar com perfeição os princípios de Marx, combinando a teoria com o profundo sentimento humano, coisa desconhecida no mundo da política. Sente-se realizada e responsável [...]” (SILVEIRA, 2002, p. 89-91).

Oposto a esse cenário, estava Edward. Conforme lembra Silveira (2002), no começo tudo era satisfatório, mas, gradualmente revelam-se os reais pensamentos de Aveling.

[...] Diz que precisa se sentir livre para viver, que não aceita um relacionamento amoroso como sinônimo de prisão, que estranha que ela, logo ela, a filha de Marx, possa considerar o outro, o objeto de seu afeto, como propriedade privada, que viver com ela não significa viver só para ela, que o sentimento de posse amorosa é tão odioso como qualquer outro sentimento de posse de um ser humano. Se foi a ela que ele escolheu como mulher com quem viver, isso já é suficiente, isso deve lhe bastar. (SILVEIRA, 2002, p. 9).

Edward, com seus jogos linguísticos, tenta emudecer *Tussy*, que, no entanto, adverte veementemente seu esposo. Como veremos em Silveira (2002), *Tussy* contesta que ele embaraça os fatos, que não o analisa como propriedade sua, que acata sua liberdade, mas o vínculo amoroso, quando válido, é inegável, e é da índole da ternura querer ter próxima a pessoa amada.

Posto isto, vale salientar que Edward encara a situação como se nada tivesse acontecido. Eleanor se sente oprimida nessa relação de poder, que seu marido edifica com o nome de ‘casamento’, e tenta buscar subterfúgios para escapar desse contexto, e

---

<sup>5</sup> Do latim: Falso.

<sup>6</sup> Uma desvinculação do SDF, que tinha como objetivo divulgar os princípios do socialismo.

consequentemente da morte de seu matrimônio. Aliás, união essa que nunca existiu ante as leis burguesas.

Embora o cenário seja de mágoas, bonança, encontros, desencontros e procelas, destacaremos aqui o papel crucial do General na construção histórica e familiar do seu amigo Mouro. Engels é caridoso no que condiz às ajudas oferecidas a família de Mouro e ainda distribuía conselhos generosos à querida *Jenny Marx*. Apontamos aqui o diálogo do sobrinho *Johnny*, que se encontrava emocionado ao indagar a seguinte passagem: “Nunca imaginei que meus avós tivessem passado por uma miséria tão grande.” (SILVEIRA, 2002, p. 28). De acordo com Silveira (2002), Edgar, doente, vendo o diálogo de seu irmão com os olhos cheios de lágrimas, esperava algum acalanto de sua tia *Tussy*, que atende ao chamado dizendo:

Meus queridos, não fiquem assim. Já passou. Não foi fácil, mas eles conseguiram enfrentar tudo isso sem se deixar alquebrar. E depois, seu avô sempre teve a amizade de Engels, que nos ajudou a vida inteira. Foi mais ou menos por essa época que Engels viu que a única maneira de garantir condições financeiras para que o Mouro pudesse se dedicar a escrever sua obra teórica era dele – nosso General - abdicar suas ambições como jornalista e militante em Londres e assumir o emprego na firma do pai, em Manchester, isso lhe daria uma renda mais estável, parte da qual passou a enviar regularmente à nossa família. (SILVEIRA, 2002, p. 28).

A separação entre discurso e realidade, sobre o caráter ficcional e romancista tem que ser colocado, cindido e analisado. *Tussy* existiu e deixou um imenso patrimônio intelectual, foi exemplo de mulher e deu alento a corrente feminista de sua época. Podemos, ademais, encontrar ecos de *Tussy* em diversos ícones do feminismo, sendo Lou Andreas-Salomé (1861-1937) uma delas. Como afirma Pacheco (2015), a escritora alemã envolveu-se com a Filosofia e escandalizou a sociedade com seu erotismo. Seus escritos pautavam crônicas altamente lascivas, inspiradas pela sua vivência amorosa e, dentre suas obras, podemos assinalar *A humanidade da mulher e reflexões sobre o problema do amor*, a mais conhecida. É nesse preciso sentido que a força da escrita de Eleanor deve ser considerada e observada, pois ela marca sua presença na filosofia e ao mesmo tempo na vida amorosa.

As estreitas relações das mulheres com a Filosofia serviram de inspiração para Eleanor ser o que foi, não há dúvida. Antigamente, aliás, muitas das mulheres da época escreviam seus textos, manifestos e inquietações, sob pseudônimos masculinos para conseguirem o advento da obra publicada. Segundo Pacheco (2015), o debate construído nos leva a crer que por conceituações misóginas, as mulheres tiveram seus pensamentos e contribuições veladas

na história da Filosofia. E, no decorrer dos séculos, a mulher foi engendrada pelos discursos masculinos, que as teciam como inferiores, incapazes, meras reprodutoras, objetificando-as e coisificando a essência feminina como “fragilizada”. *Tussy* foi uma dessas mulheres. Conforme afirma Pacheco (2015), não há como modificar essa invisibilidade sofrida e perpassada sobre a produção filosófica feminina.

## 2.2 O papel do suicídio e seus estereótipos sob o ideário machista

O machismo se instaurou em nossa sociedade e vem ganhando força e alento na contemporaneidade. Hoje tentamos diminuir e lutar contra esses preconceitos que são históricos e desumanizadores. Segundo Cardoso (2017), nota-se o quanto o machismo prejudica as mulheres e observa-se o quanto é dolorosa a luta feminista por direitos e para se livrarem da opressão da cultura machista. Com *Tussy* não foi muito diferente. Conforme afirmava Eleanor em carta escrita a sua amiga *Olive*, “minha querida Olive, há vários dias que não consigo dormir, passo as noites em claro do começo ao fim. É como se uma das feiticeiras de *Macbeth*<sup>7</sup> tivesse dado a mim o seu castigo [...]” (SILVEIRA, 2002, p. 142).

Assim, para Cardoso (2017), o machismo é a atitude expressa por opiniões comportamentais, de um ser que recusa a equidade de direitos e deveres entre os gêneros. Deste modo, se acha monopolizado e enaltecido sobre o sexo feminino.

Edward Aveling de certa forma se identificava com os traços machistas descritos acima e Eleanor de certo modo demorou a perceber isso, devido a sua paixão por ele. Lembrando Marx (2006), que remete reverência à coragem, e medita que ela (a coragem) permanece naquele que provoca a morte na lucidez do dia na arena de prélio, permanecendo sob a esfera de todos os anseios, nada indica que ela fundamentalmente escasseie quando se recorta a própria existência em meio às trevas. Para Mouro, não é com agravos aos cadáveres que se encara um litígio tão controverso.

As razões sobre o suicídio de Eleanor são inúmeras, mas há o estopim do problema que se pauta na carta em que *Tussy* retrata o seguinte:

---

<sup>7</sup> *Macbeth* é uma tragédia do dramaturgo inglês William Shakespeare, sobre um regicídio e suas consequências.

Depois, descuidada e sem querer o tremor de um vago pressentimento, abre o prosaico envelope branco. E ali está a carta que lhe revela que Edward escondia desde Julho: dez meses, trezentos e poucos dias. Que agora reivindicava, como era de seu legítimo direito, a posse do marido. Que ele abandonasse de vez a velha amante – Eleanor que lhe levasse a parte do dinheiro que lhe cabia. Eleanor sente que lhe falta ar. Acha que enlouqueceu. Respira fundo várias vezes. Relê, sem entender, aquelas linhas que mal conseguiu decifrar. E ainda sem pensar, sobe quase correndo as escadas onde Edward está e lhe entrega, sem fôlego aquele papel incompreensível, aquela arma tão fina e tão branca. (SILVEIRA, 2002, p. 146).

Vejamos qual a reação de seu Marido Edward Aveling diante da missiva:

[...] Edward vai dizer que é tudo um engano, mais uma calúnia. Que ele não está, não está, não está casado com outra, como poderia, como poderia! [...] Mas Edward talvez por achar que a situação se esgotara, talvez porque premeditaria assim, talvez por qualquer outro motivo, não nega. Fica em silêncio ainda por um momento, mas não nega, tenta, apenas, como uma concessão, minimizar a notícia: ‘Sim, Eleanor, é a melhor que você saiba. Despousei essa jovem, é verdade, mas não infira muita coisa, isso não significa mais do que apenas isso. Só é preciso lhe dar uma compensação financeira e sossegá-la’. (SILVEIRA, 2002, p. 146-147).

O diálogo sobre esses acontecimentos continua. Vejamos como a trama é enredada por Tussy e seu marido Edward, apontado por Silveira (2002): Eleanor pergunta - mas, Edward, você sempre concordou que éramos casados! Ainda que não tivéssemos a jurisdição das leis burguesas. Os documentos jamais importaram em nosso matrimônio, nunca implicou em nada, você também arrazoava assim, e era essa nossa convenção. O que mudou Edward? Ah, Eleanor! Você ininterruptamente tão exageradamente teatral! Os papéis não influem mesmo, é o que são, só papel. E é o que logo lhe expus, não extraia desse casamento ilações que ele não apresenta. São papéis, burocracia, não está claro isso? Mas não, você prefere fazer um escarcéu, por isso é cada vez mais impossível viver com você, estou criando asco de seus atos, cara *Tussy*.

### **2.3 A vida amorosa de *Eleanor*, entre encantos e desencontros**

Como bem foi ressaltado no intróito desta pesquisa, *Tussy* teve uma primeira paixão em plena puberdade e construiu um *Eros Platônico* pelo jovem *Lissagaray (1901-1838)*. No entanto, seus pais não aceitavam esse romance. Segundo Silveira (2002), o jovem francês portava todos os estereótipos nacionais a que Mouro e *Jenny* tinham ojeriza: o individualismo,

a petulância, a luxúria, a gula por sucesso, um arquétipo de dualista temperamental. Além do mais, *Lissagaray* tinha o dobro da idade de *Tussy*.

Eleanor era apaixonada por *Lissa*<sup>8</sup>, porém enfrentava severas procelas em seu romance, vindas da família e da sociedade em geral, que não viam nuance no casal. *Tussy* desejava casar o quanto antes com o seu mal quisto namorado, pois afinal, a relação conturbada já completaria quase nove anos. Entretanto, Marx jamais aceitaria tal união e proibiu *Tussy* inclusive de encontrá-lo, o que foi uma tragédia para a filha caçula. Assim,

[...] Ela sofreu tanto naquela época, justo a época que poderia ter sido a mais feliz, a época do grande amor, e que foi toda dividida entre os belos momentos que passava com *Lissa* e os momentos de inferno em que temia magoar o pai. Foram nove anos desse namoro proibido. Nove anos é muito tempo! (SILVEIRA, 2002, p. 56).

Para a jovem filha de Mouro, *Lissagaray* era o homem perfeito, um arquétipo de socialista e de marido, uma verdadeira quimera diante dos olhos de muitos, mas que para Eleanor, poderia se tornar real. *Tussy* seguia uma caminhada pelos meandros do amor e da repressão amorosa, que urdia a própria família e amigos contra ela.

*Lissagaray* era um galanteador, um verdadeiro Don Juan<sup>9</sup>. *Tussy* rendia-se às idiossincrasias de seu amado. “Os dois estavam sentados lado a lado em um banco no *Hyde Park* e, enquanto falava, *Lissa* tomou a mão de Eleanor, e a colocou dentro da sua [...] Lentamente, ele entrelaçava, um a um, seus dedos entre os dela.” (SILVEIRA 2002, p. 57). *Tussy* a cada dia que passava tornava-se mais apaixonada, querendo assim oficializar sua paixão o quanto antes junto às leis burguesas. Porém, ela sabia que não seria fácil a oficialização, e também não estava sendo fácil esse amor clandestino. Ela encontrava-se em estado de aporia, o amor e o desejo falavam mais forte, já sua razão era suprimida por estes sentimentos.

Os pais desconfiam, ainda não sabem com certeza, mas já haviam deixado bem claro que não aprovariam nada entre eles. Se *Lissagaray* continua a frequentar a casa deve-se ao fato de ser uma das figuras importantes do movimento revolucionário francês. Marx o respeita muito; só não o quer como namorado da filha. (SILVEIRA, 2002, p. 58).

O Jovem *Lissa* aparentava ser um bom jovem, e no entanto, apesar de bom jovem, não era com esse que Mouro mirava para esposo de sua filha. Aliás, não só Marx, como todos os

---

<sup>8</sup> Apelido carinhoso que a jovem *Tussy* deu ao seu amado.

<sup>9</sup> Frase utilizada costumeiramente para quem porta romantismo e tem a arte da conquista.

outros membros da família malogravam esse namoro e não faziam a mínima fé que um suposto casamento entre os jovens inexperientes desse certo. *Lissa* consolava a jovem *Tussy*, e tentava junto a ela superar as barreiras impostas no seu caminho. Conforme afirma Silveira (2002), não se preocupe amada Eleanor, coloque sua cabecinha no meu colo e sinta meu acalanto. Saiba que *Laura* é sua irmã e *Paul* é seu cunhado, mantenha-se calma *Tussyzinha*, os fins justificam os meios, e chegaremos lá, lhe juro! Custe o que custar, você será minha esposa! Ante as leis burguesas.

Eleanor aprecia cada vez mais a hipótese do casamento e tenta ignorar as fronteiras que o impedem. Ele, sem aprovação de ente nenhum de sua família, tenta arquitetar um casamento às escuras, pede conselhos a sua mãe que desaprova a ideia. Todavia, a genitora é menos intransigente que o velho Karl. Afirma sua mãe, conforme adverte “Seja valente, seja corajosa [...] não deixe essa terrível crise abatê-la.” (SILVEIRA 2002, p. 61). *Tussy* cria coragem e escreve uma missiva ao pai. Vejamos um trecho:

‘Meu querido Mouro’ vou lhe pedir uma coisa, mas primeiro, quero que me prometa que não vai ficar muito zangado. Eu gostaria de saber, querido Mouro, quando poderei tornar a ver L. É muito difícil não poder vê-lo nunca. Tenho feito o melhor possível para ser paciente, mas isso tem sido difícilimo, e não sinto que possa fazer por muito mais tempo. Não espero que me diga que ele pode vir aqui. Nem sequer me atreveria a desejar isso, mas será que, de vez em quando, não posso dar uma pequena caminhada com ele? [...] Meu querido Mouro, por favor, não fique zangado comigo por escrever isso, e me perdoe a ser egoísta a ponto de voltar a preocupá-lo. ‘Sua, *Tussy* que isso fique só entre nós’ (SILVEIRA, 2002, p. 61-62).

Karl Marx ignora os escritos de sua filha e emudece diante de suas lamúrias e inquietações amorosas. *Tussy* definha em busca de uma resposta de seu pai. No entanto, nesse período, Marx adoece de uma crise pulmonar, o que leva Eleanor a ponderar mais suas atitudes e controlar seus desejos lascivos por *Lissa*. Parafraseando Silveira (2002), *Tussy* verte seu pensamento sob Lissagaray e começa a ter fé que o tempo será um bom aliado para persuadir o velho Mouro. Está decidida: não vai mais contestar abertamente seu pai, para não aborrecê-lo, mas também não abdicará de seu futuro marido.

No entanto, a vida de Eleanor Marx seguirá por outros meandros. A opressão e as contendas de seu pai contra o romance tornam-se maiores; a jovem *Tussy* abandona seu romance quase que coercitivamente, sendo obrigada a escolher entre Mouro e *Lissa*. Nesse ponto, a hereditariedade foi elemento culminante no processo de separação. *Tussy* opta pelo relacionamento com seu pai e esclarece os motivos do afastamento a *Lissagaray*.

Parafrazeando Silveira (2002) se eu tivesse dito a *Marx* naquele momento que não se culpasse, de fato, no fundo ao fazer a escolha entre *Lissa e* meu pai, eu sacrifiquei meu amor da puberdade, contudo, meu velho *Mouro* partiu sem saber disso.

#### **2.4 Tussy: Sinônimo de resistência extrema à opressão**

Este ponto é dedicado em especial ao legado, às atitudes, à patusca, à polemista e, sobretudo, à mulher que foi Eleanor Aveling Marx, a nossa *Tussy*. Segundo (FLAUBERT, 1857, *apud* NABUCO, 1979, p. 1) o caso de destruição seguido do suicídio da mulher inspirou o romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, que se engendra como obra em 1956 na *Revue de Paris*, porém, só veio a lançamento oficial em 1857. Tal obra acarretou muitas inquietações seguidas de um processo criminal, avaliado pela mídia como: “*ofensa a moral pública religiosa*”. No júri, Flaubert foi questionado: “*qual a inspiração para brotar tal obra?*”, a resposta dele foi: “*Madame Bovary sou EU!*”. Pela pouca compreensão em sua época, em seu contexto, tal romance foi reprimido e arcou com as duras penas da lei. Hoje essa obra é considerada a mais importante da literatura francesa. *Tussy* Aveling Marx, tempos depois, traduziria a obra em primeira mão para seu idioma, ganhando renome pela tradução desse valoroso romance francês, dando oportunidade, assim, de mais e mais gente não afeiçoada com a língua francesa, ler e apreciar as narrativas de Flaubert.

É evidente que Eleanor sofreu muito durante sua vida, inclusive antes de nascer do ventre de sua mãe Jenny, como remete a seguinte passagem: “Jenny perdera três filhos ainda bebês e, meses depois do nascimento de Eleanor, morre Edgar, aos oito anos, o único filho homem. O desespero com essa perda faz com que o casal já não se conforme em continuar morando no mísero e poluído Soho.” (SILVEIRA, 2002, p. 40).

Quando o General morre, *Tussy* perde seu segundo pai, e fica sorumbática, “sem essa ligação, as dificuldades começam a parecer muito grandes, a pessoa sente-se isolada, sente-se só e frágil, impotente.” (SILVEIRA, 2002, p. 42). *Tussy* se vê a esmo, ante o mundo, porém apesar de triste se mantém calma, busca seu baluarte Edward, e sem encontrar apoio, se frustra e acumula mais essa mágoa. Assim,

Ainda em relação com a consciência sobre a condição feminina em transformação [...] De modo que, assim como se tornou famosa a frase de *Simone de Beauvoir* que inicia o volume II de *O Segundo sexo* – ‘*Não se nasce mulher, torna-se mulher*’-, é também célebre a de Charles Fourier, o socialista utópico francês que mais influenciou *Karl Marx*, que o ‘*grau de*

*emancipação da mulher é a medida de emancipação geral*. Nas experiências brasileiras dos grupos de mulheres com intuítos emancipatórios, anos setenta e oitenta do século XX, podiam observar-se as duas vertentes originárias do movimento feminista e, ainda mais, uma tendência, muito brasileira, a combinar influências e características de ambas. (ALBORNOZ, 2015, p. 102).

Como afirma *Beauvoir* (1949) na passagem descrita que inicia o volume II de *O Segundo sexo* – “Não se nasce mulher, torna-se mulher”-. E *Tussy* passou por essa metamorfose, uma dura e impiedosa mutação, que mostra a resistência e prova a extrema opressão que Eleanor Aveling Marx sofreu: - de uma sociedade tirânica, de um marido infiel, e das perdas de seu pai Mouro e do seu segundo pai e acima de tudo, o amigo *Engels*.

Diante de todo esse cenário negativo, qual seria a saída? *Tussy* já aponta um provável desfecho para essa história. Como afirma Silveira (2002), Eleanor em conversa com sua amiga Olive, expõe que às vezes acha que está muito melancólica, sua vida vem desmoronando, muitas procelas em um curto espaço de tempo tem lhe atingido, neste momento pergunta *Tussy*: para que continuar vivendo essa vida de tão poucas alegrias se meu casamento vai mal, minha amiga! Sei que você dirá com seu jeito sincero e franco: ‘Mas isso não é surpresa, *Tussy*, seu casamento sempre foi mal? Continua Eleanor com suas lamúrias, evidente amiga, você tem razão, no entanto de um tempo pra cá as coisas tem só piorado, nunca encontrei ao lado de Edward o que realmente esperava e merecia, o desgaste do nosso relacionamento está colocando nosso romance em uma linha tênue, estamos a um fio da separação, aliás, acho que nunca nos unimos, afirma *Tussy*. Há dias não conversamos, também não brigamos, ele me trata como se eu não existisse, o que eu interpreto como bem pior, já que conforme diz o ditado “quando um não quer dois não brigam”<sup>10</sup> e *Aveling* pelo visto a muito tempo não me quer mais. O que ainda salva a nossa relação é o trabalho:

[...] Ele se recusa a responder às minhas perguntas, mesmo as mais banais como ‘Por que você precisa tanto ir a Londres hoje, se está doente?’ Uma pergunta assim o faz se virar e me lançar um olhar tão gelado que imediatamente me sinto equivocada ou injusta ou totalmente sem direitos de querer saber da vida dele que, afinal, é também a minha [...] E, no entanto, ainda trabalhamos juntos - e é isso, acho, que me salva. Estamos escrevendo uma introdução para vários artigos do meu pai, que organizamos sob o título ‘A Questão Oriental’. Na verdade, escrevi a introdução e ele agora está acrescentando suas modificações. Sempre sem me dirigir a palavra como se eu não estivesse aqui. Mas, pelo menos por escrito, há essa prova de que, de alguma forma, ainda estamos juntos. (SILVEIRA, 2002, p. 45).

---

<sup>10</sup> Ditado popular.

É notório o amor platônico que porta a filha de Karl. Deprimida e buscando saídas para essa contenção, ela chega a quase implorar a mínima demonstração de afeto, todavia, segundo Silveira (2002), Edward friamente ignora sua “esposa”, não demonstra o mínimo zelo por ela, ignorando-a até nas mínimas tentativas de romper com essa fronteira que *Tussy* coloca como ‘sendo incompreensível e cortante entre nós; sequer bom dia não nós damos mais, nunca obtenho êxito nas minhas inúmeras tentativas’, afirma Eleanor, com cara de choro.

Diante de todo o cenário demonstrado, Eleanor acredita que de alguma forma, que não sabe como, a culpa do distanciamento seja sua, tornando-se, assim, obsessiva, como bem se mostra, até com alguns traços de alienação pelo amor contido em seu peito.

[...] O que você nunca entendeu querida amiga, é que eu amava e ainda amo esse homem eu precisava – e ainda preciso dele. Meu pai costumava dizer que eu sempre parecia mais um menino do que uma menina. Foi Edward que realmente trouxe à tona o feminino em mim. Fui irresistivelmente atraída por ele. [...] E depois nossos gostos são muito parecidos. Concordamos em relação ao socialismo. Amamos o teatro. E conseguimos trabalhar muito bem juntos. [...] Só que não sei o que é, e ele, se sabe, não me fala. E sozinha não estou conseguindo entender (SILVEIRA, 2002, p. 46).

Esta passagem denota a fragilidade e ao mesmo tempo o desprezo que o marido lhe oferece, criando as condições que se desdobram rumo ao desfecho de uma vida dedicada a amar alguém que viu, no primeiro momento e também em boa parte da relação, a paixão da sua vida.

## **2.5 O Começo do fim: as motivações do suicídio e a resistência extrema a opressão de *Tussy* contra Edward**

No que se refere a esse tópico, trataremos enfaticamente do suicídio de *Tussy* e as das motivações dela, apresentando o conjunto dos fatos que sinalizam o seu fim.

*Tussy* já se encontrava em estado terminal, no que se refere à convivência do casal. Foi esse o período mais difícil na vida dessa ávida mulher, que nesse ínterim ainda perdeu o pai e, algum tempo depois, ficou também sem a figura do conselheiro *Engels*. Segundo Silveira (2002, p. 118), “para Eleanor a morte desse inigualável amigo foi um golpe mais doloroso do que poderia imaginar. Os últimos anos foram anos terríveis, anos de progressivas dificuldades no relacionamento dos dois, coisa que ela jamais supôs que pudesse acontecer”.

Nesse cenário, (SILVEIRA, 2002, p. 115) aponta a situação que “chega Janeiro. Nem a neve muda lá fora, nem o gelo muda o coração de Eleanor.” Em meio a todos os estragos, aliás, poucas conquistas na vida dessa mulher podem ser celebradas, em se tratando da vida amorosa, afetiva e financeira, pois

Se algo mudou, foi para pior. Os problemas financeiros se agravam – as contas com os médicos, os remédios e as constantes exigências de Edward de mais dinheiro para pagar os médicos que nunca se acabam. Eleanor começa a ter certeza de que o marido lhe esconde alguma coisa grave. (SILVEIRA, 2002, p. 115).

Diante de todas essas agruras na vida de *Tussy*, ela passa de uma pessoa amável para uma sujeita irritante, que não enxerga mais as coisas belas da vida. Até a Arte, o Teatro e as produções filosóficas não trazem mais alegria. Eleanor começa a ter antipatia com tudo e todos e passa a enxergar apenas uma pessoa, seu amado e frio companheiro Edward Aveling, que não demonstrava o mínimo zelo por ela. Imbuída nessa relação de amor, ódio e indiferença, *Tussy* vai perdendo sua personalidade, fica amargurada, estranha a si mesma. Isto fica evidente, pois

Entre as causas do desespero que levam as pessoas muito nervosas-irritáveis a buscar a morte, seres passionais e melancólicos, descobri os maus-tratos como o fator dominante, as justiças, os castigos secretos, que pais e superiores impiedosos infligem às pessoas que se encontram sob sua dependência. A Revolução não derrubou todas as tiranias; os males que se reprovavam que deseja escapar do mundo as injúrias que o mundo promete a seu cadáver? Ela vê nisso apenas uma covardia a mais da parte dos vivos. (MARX, 2002, p. 28-29)

Nesse panorama de aporias, Eleanor sucumbe e procura apoio de um velho amigo, o *Freddy*, a quem reporta uma epístola. Parafraseando Silveira (2002) amigo *Freddy*, você tem seus filhos, sua companheira; eu não tenho mais nada, a não ser a frieza de meu marido, e as minhas angústias a me espezinhar, não vejo mais nenhum sentido em continuar com essa minha vida de avarias e consternações!

Em meio a essa situação, *Tussy* recebe uma boa nova, de alguns espólios que havia herdado. De acordo com o testamento do General, *Engels* deixou três oitavos de sua herança para *Laura*, *Eleanor* e os filhos de *Jenny*, bem como os papéis de Marx e a responsabilidade de organizar e editar o volume IV “d’*O capital*” (SILVEIRA, 2002, p. 120). Tal notícia dá um último sopro de vida à rotina de *Tussy*, já que agora sua missão era levar adiante a

estruturação e edição dos manuscritos do IV tomo do capital e finalizar a edição do tomo III da mesma obra. Um alento aparece na vida dela, pois

Com a herança deixada por Engels, ela comprou a casa bastante confortável, onde tinha seu próprio estúdio e Edward o dele. Estava cheia de planos, apesar de tudo. Recebia os amigos, participava das atividades do bairro, a escola dominical e o coro do grupo socialista, e logo se tornou uma figura querida pela vizinhança. [...] Mas pouco tempo e ânimo ela teve para desfrutar de seu jardim e seus pássaros. A frágil felicidade doméstica que pensara criar na sua Toca, na verdade nunca existiu. Ela viveu ali apenas dois anos e meio. (SILVEIRA, 2002, p. 121).

Como se não bastassem todos os problemas, Edward, em detrimento da bebida e dos charutos, adquire sérios problemas de saúde que se agravam a cada dia, o que leva *Tussy* a penar mais ainda no leito do seu amado. Parafraseando Silveira (2002), os mistérios de *Aveling* parecem se agravar à medida que sua doença se instaura, um processo de metástase anêmico, junto com o desvelamento de muitos segredos, surge aqui. Seu comportamento é cada vez mais incompreensível. Quando tem um alívio súbito de suas enfermidades, viaja para Londres, sozinho e, às vezes, já, pernoita fora de casa. O cenário vai piorando a cada dia, no domínio dos seus enigmas e do que se refere à saúde. Desse modo,

Eleanor não entende o que está acontecendo, e quer entender, no sentido mais amplo do termo. A ela, com seu temperamento racional e exercitado intelectualmente para compreender, o que mais a horroriza é não ser capaz de explicar os motivos do comportamento da pessoa que é, agora, sua única família. É não compreender o que o leva a agir assim. Começa a pensar que ele está doente. Moralmente doente. A seus olhos, só uma pessoa enferma seria capaz de ter esse tipo de comportamento. Em mais uma noite de solidão e insônia em seu estúdio, ela olha pela janela árvores nuas do inverno. Seus olmos e sicômoros estão sem folhas e sem vida. (SILVEIRA, 2002, p. 124).

Por analogia, *Tussy* por simbiose capta a frieza de seu marido e associa ao clima invernososo. Ela olha para seu jardim e vê as plantas despidas, quase mortas. Essa tem sido a *Tussy*, aliás, a não-*Tussy*. Aquela jovem voraz foi acabrunhada por um relacionamento de extrema opressão. Engendra-se nesse processo uma “Eleanor insólita”, quase que herdando essas idiossincrasias do velho Mouro. Endossando Jinkings (*apud* MARX, 2006), que trata de um “Marx insólito”, texto erudito e esclarecedor de Michael Löwy<sup>11</sup> (1938), refaz os meandros que levaram Marx a adentrar no domínio da vida privada, das aflições da existência

---

<sup>11</sup> Michael Löwy: tradutor do ensaio de “Um Marx insólito”.

intercedida pela conveniência e pelas relações de classe e que traz à tona temas como o direito ao aborto, o feminismo e a opressão familiar na corporação magnata.

*Tussy* já não era a mesma e Edward só piorava. Na perspectiva de Silveira (2002), Eleanor pela manhã fazia os curativos nos abscessos de seu amado, passando uma seringa pelas chagas abertas, e colocando depois um tampão para fechá-las. Aveling acabara de passar por uma cirurgia extremamente invasiva, dia e noite *Tussy* acompanhava seu sofrimento, e sofria tanto quanto. Ela já não acreditava na recuperação de Edward que em menos de oito dias passou por duas intervenções. Diz Eleanor “Eu vivi muitas horas tristes, mas nenhuma tão triste quanto aquela”. (SILVEIRA, 2002, p. 137).

## **2.6 A morte é o sono perfeito, só que da morte não se desperta: o último adeus de Eleanor Marx**

Dou epílogo a essa trama, exaltando Emily Dicknson<sup>12</sup> (1830 -1886) (*apud* SILVEIRA, 2002, p. 141) “Essa é a hora de chumbo – lembrada por quem sobrevive a ela Como lembra da neve quem ao frio não pode mais reagir – Primeiro – Calafrio- depois Estupor – depois o deixar-se ir”. Assim parte Eleanor Aveling Marx.

A morte, a morte deve ser como o sono. Com a diferença de que é sono sem cor, sono sem preto nem branco, sem cinza, é sono sem imagens, sem figuras, sem dor nem alegria, nem frio nem calor, nem sustos nem sentimentos. É o sono irrestrito, final. [...] Só que da morte não se desperta. (SILVEIRA, 2002, p. 141).

*Tussy* como socialista, polemista e, acima de tudo, materialista-histórica, não vê medo nenhum na morte. Como denota Silveira (2002, p. 142), sabe que um dia terá de retornar, corpo e mente, ao coração da natureza de onde veio. O único e irremediável problema da morte é o quê e quem se deixa. Quem fica, padece as agruras do óbito. No entanto, da família de *Tussy*, quem ficou? Ninguém, nenhuma pessoa que realmente se importe. Prosseguimos, porém, adiante, para a continuidade da relação entre *Tussy* e Aveling.

No dia 27 de março, outro domingo, Eleanor e Aveling voltam de Margarete. Aveling ainda está mal, esquelético com dificuldades para andar. Eleanor, por sua vez, também está esgotada. Emocional e fisicamente, depois desses dias e noites, quase dois meses, cuidando do doente tão difícil. (SILVEIRA, 2002, p. 142)

---

<sup>12</sup> Emily Elizabeth Dickinson (Amherst, 10 de dezembro de 1830 - 15 de maio de 1886) foi uma poetisa americana, considerada moderna em vários aspectos da sua obra.

Provas de amor não juramentadas pela igreja nem muito menos pelas leis burguesas, *Tussy* as fez: cuidou de seu marido na saúde e na doença, sempre esteve com ele, quando ele mais precisou. Apoiando-me em Silveira (2002, p. 144-145) sinalizo que “[...] O trabalho é um alívio, pois exige que eu me concentre em outras coisas, que não apenas olhe sem ver o mundo ao meu redor, mas que o veja que retire dele algum sentido. Quando consigo realmente trabalhar, é um repouso.”

Recordemos aqui do arremate final, lembrando a carta no envelope prosaico de *Eva* endereçada para seu marido *Edward*. Neste ponto o mundo de *Tussy* desaba de uma vez por todas, ela descobre toda a verdade e confirma suas suspeitas. O que a desespera é que mesmo sabendo do acontecido, *Aveling* não confessa a traição nem muito menos se há vida dupla, apenas a ignora com um cinismo incalculável. Nesse sentido, Silveira (2002), considera que ela sacode Edward, forçando o mesmo a falar; ela pega-o na sua cadeira, como um feixe de ossos, no entanto, ele não falava nada, então ela para com medo de matá-lo! Para.

*Tussy* também foi sinônimo de desafio, de persistência, uma mulher à frente do seu tempo, culta e ávida enquanto ser social. Engajada nas causas operárias e defensora dos direitos dos trabalhadores, permanece como um retrato de força feminina para a época em que viveu. Contudo, como assinala Silveira (2002), para ela o peso dessa vida foi maior do que aquilo que podia suportar.

São dez horas e Eleanor chama Gertrude<sup>13</sup>, pede-lhe que vá até a casa da farmacêutica do bairro, com uma nota que diz: ‘Favor dar à portadora clorofórmio e uma pequena quantidade de ácido prússico para cachorro. E. A.’ Junto, ela coloca o cartão de Edward. Sua voz é precisa, suas mãos estão firmes. Seus olhos não dizem nada. (SILVEIRA, 200, p. 151).

São essas as cenas que antecedem o fatídico suicídio de Eleanor Aveling Marx. Para Silveira (2002), o último adeus foi às dez horas e quinze minutos, quando Gertrude volta e entrega para *Tussy* um pequeno embrulho, junto ao livro de venenos que deve ser rubricado pelo comprador. Rubrica *Tussy*, “E. M. A.”, e devolve o livro a governanta. Aí se instaura um imenso silêncio. *Tussy* sobe para seu quarto e remete duas cartas. Uma era para o marido e dizia: “Querido, logo tudo estará terminado. Minha última palavra para você é a mesma que lhe disse durante todos esses tristes anos – amor” (SILVEIRA, 2002, p. 152). A outra carta era dirigida ao sobrinho: “Meu querido, querido Johnny, minha última palavra é dirigida a você, tente ser digno do seu avô. Sua tia *Tussy*” (SILVEIRA, 2002, p. 152).

---

<sup>13</sup> Governanta da Casa

Assim se foi a distinta e impoluta Eleanor, que dá o seu derradeiro adeus: “Minha decisão está tomada, como um fruto maduríssimo que é só colher.” (SILVEIRA, 2002, p. 152).

Naquela manhã, quando Edward lhe disse que, sim, iria a Londres, ela soube que sua decisão estava tomada. [...] ‘Não vá’ [...] Mas ao dizer isso e escutar sua voz sem tom e sem vida, já sabia que assim deveria ser. Em algum momento daquela noite escura, ela decidira. E tudo lhe pareceu extrema e infinitamente tranquilo. Nada mais adequado. Nada mais certo. Seu pai, sua mãe, Jennychen, Lenchen, o General, sua família. Todos mortos, menos Laura e Paul. Por que ficar? Para que permanecer? (SILVEIRA, 2002, p. 152)

Naquela noite, após tantos dias de tempestades e tremores, deixa de sofrer. Sem verter sequer uma gota de pranto, “[...] Olha, admira o líquido volátil, a poderosa mistura capaz de conduzi-la ao branco do princípio e do nada. A sua será uma morte branca, como sempre quis, o que mais pode desejar?” (SILVEIRA, 2002, p. 153). Assim, *Tussy* iça a mão e leva o líquido a sua boca.

Se analisarmos bem, ela abandonou aquilo que não lhe pertencia mais, que era a vida, e aquela coisa que nunca lhe pertenceu: *Edward*.

Quando Gertrude volta da farmácia e sobe ao quarto, por volta das dez e quarenta e cinco, encontra Eleanor agonizando na cama. O rosto azul, já quase sem respirar, em contorções e espasmos. E quase no mesmo instante, paralisia muscular e morte. O ácido prússico – conhecido como cianureto- é veneno de efeito terrível e sujo, e por isso raramente usado. Sua grande vantagem é a rapidez; a morte sobrevém em segundos. No quarto, resta o cheiro pesado de amêndoas podres. *Aveling*, que tomara o trem para Londres depois das dez, naquela manhã, só regressa às cinco horas da tarde. A casa já estava cheia com oficiais de polícia, o legista e muitos amigos perplexos e consternados. Eleanor tinha quarenta e três anos. (SILVEIRA, 2002, p. 154).

Começa a investigação e uma coisa que intriga os juriconsultos são as rubricas deixadas no caderno de veneno, contendo às iniciais “*E. M. A*”, as mesmas que Edward utiliza. Todavia, essa pista é falsa, pois a governanta Gertrude assegura que viu, com seus próprios olhos, *Tussy* rubricando o livro dos venenos. Silveira (2002) indica que perplexos com o acontecido, a sociedade pasma diante do fato, na investigação, *Avelin*, é tida como o maior suspeito ou até mesmo como conivente no ocorrido. Alguns chegaram inclusive a ficcionar um romance ante o narrado: que havia sido um pacto mútuo de suicídio, sem que jamais *Aveling* tivesse qualquer intento de cumpri-lo.

Tal versão, no entanto, não se sustenta. Baseia-se no pensamento do veneno ter sido acompanhado pelo cartão dele e assinado com as iniciais E. A. (que eram as dela, quando às vezes assinava como Eleanor Aveling, e que eram também as dele). Baseia-se também no caráter de *Aveling* e em uma suposta declaração sua, que teria sido feita durante o inquérito, de que Eleanor muitas vezes havia pensado em suicídio e inclusive proposto, ao enfrentar grades crises, o suicídio dos dois. De qualquer maneira, e embora tenha sido engendrada pelo repúdio unânime Aveling, essa suspeita, ainda que sem nenhuma intenção, lança uma sombra que avilta também a figura de Eleanor, transformando-a em vítima vilmente enganada no momento mais cruel de sua vida. (SILVEIRA, 2002, p. 156).

Para Silveira (2002, p. 156) “Mais do que a gota, o fundamental é entender os vários componentes de sua fragilidade [...] o esgotamento físico e emocional daqueles meses, a solidão em que, sem perceber, mergulhou, embora fosse tão querida”. *Edward* depois do ocorrido se torna mais odiado do que nunca, e logo deixa a casa e vai morar com sua nova esposa *Eva Nelson*. No entanto, *Aveling* quatro meses depois também observaria a figura da morte o tirar de cena. Por fim, enfatizamos o comentário de *Olive Schreiner* (1855-1920), a partir de Silveira (2002, p. 157), “Fico muito feliz em saber que Eleanor está morta. É uma benção ela ter conseguido escapar de *Aveling*”.

### 3 CONCLUSÃO

Por conseguinte, sob os muitos olhares, essa é *Eleanor Marx* enxergada sob a ótica deste artigo. A pesquisa não se encerra, dado que diversos vieses podem ser utilizados de acordo com as fontes diversas, aqui consultadas. Assim, a *Tussy* aqui analisada é arquétipo de resistência extrema à opressão. As relações de poder e as suas significações na sociedade foram ultrapassadas por Eleanor e temos seu legado como apologia à luta feminista.

*Tussy* foi um exemplo de bravura, tendo sido seu suicídio uma fuga extrema ao ambiente sufocante criado e fomentado por seu marido, mediante traições, mentiras, extorsões e explorações de toda espécie, configurando um relacionamento que na atualidade é chamado de “abusivo”. *Edward* tinha muito da natureza de um gato, mas não a fidelidade, nem a solicitude e o aconchego deles. Possuía apenas a malícia e os mistérios. É perceptível que a figura despótica e machista de *Aveling* não deu a *Tussy*, infelizmente, outra maneira de escapar ao contexto extremamente negativo em que se encontrava, até porque a mesma não dispunha de apoio nenhum de sua família. Em suma, não havia amparo para *Tussy* e naquele momento ela enxergou apenas a atitude mais extrema de todas.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. Do Segundo Sexo por Simone de Beauvoir. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Mulher e Filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. 199 p.

CARDOSO, Rita de Cássia. Quando o Machismo desencadeia o Suicídio. **Portal Arcos**, Arcos, 2017. Disponível em: <<http://www.portalarcos.com.br/noticia/24184/>>. Acesso em: 09 set. 2018.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **As mulheres na filosofia**. Lisboa: Colibri, 2009.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo : Boitempo, 2006.

PACHECO, Juliana. Onde estão as filósofas na filosofia?. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Mulher e Filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. 199 p.

SILVEIRA, Maria José. **Eleanor Marx, Filha de Karl Marx**. Tradução de Yvonne Kapp. São Paulo: Francis, 2002.